

Sufrimento Social e Teoria Crítica no Precariado

Social Suffering and Critical Theory in the Precariat

Evânia Reich

Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

evaniareich@hotmail.com

Resumo: Apesar da dificuldade em se fazer uma crítica social através da categoria de sofrimento social, o presente artigo tem como objetivo insistir na investigação sobre a possibilidade de uma retomada desta crítica a partir de referências políticas ao sofrimento. Uma das maneiras atuais para entender as causas e as consequências do sofrimento individual, que se torna social porque acarretado pela organização política, social e econômica, é analisar a categoria do precariado. O mundo do trabalho tem muito a nos dizer sobre as sociedades contemporâneas em que vivemos. A análise das mudanças que ocorreram nos últimos anos no mundo do trabalho, ocasionadas pela lógica do capitalismo tardio, pode nos mostrar as causas materiais de um sofrimento que deixa de ser subjetivo ou psicológico, para se tornar um problema social. Através da elaboração do sofrimento social no mundo do trabalho precariado é possível retirar os mecanismos de funcionamento da sociedade e apontar os males que esse tipo de vida sofrida acarreta para os indivíduos e para a sociedade como um todo.

Palavras-chave: Sofrimento social, crítica social, mundo do trabalho, precariado, despolitização, neoliberalismo.

Abstract: In spite of the difficulty of engaging in social criticism through the category of social suffering, the present article aims at undertaking an investigation on the possibility of resuming such criticism from political references linked to suffering. One of the current ways to understand the causes and consequences of individual suffering which becomes social because it is caused by the political, social and economic organisation, is to analyse the category of the precariat. The world of work has much to tell us about the contemporary societies in which we live. The analysis of the changes which have occurred over the last few years in the world of work and which were caused by the logic of late capitalism, can show us the material causes of a type of suffering which is no longer subjective or psychological and becomes a social issue. Through the elaboration of social suffering in the world of precarious work, it is possible to understand the mechanism in which society works and to point out the woes which that type of suffered life entails for the individuals and for society as a whole.

Keywords: social suffering, social criticism, world of work, precariat, dispoliticization, neoliberalism.



1. Introdução

O presente artigo tem como objetivo abordar a questão da possibilidade de uma crítica imanente através da categoria do Sofrimento social no mundo do trabalho. Desde Adorno, a persistência do sofrimento social no mundo que poderia ser eliminado é substrato para a reflexão de uma crítica filosófica. Porém, sempre houve muitas dúvidas a respeito da categoria propriamente dita do sofrimento social, como uma via eficaz para uma crítica pertinente das formas de vida oprimidas e da sociedade como um todo. A própria naturalização do sofrimento como parte constituinte da existência humana dificulta a fundamentação de uma crítica da sociedade a partir de tal objeto. Afinal, todos nós possuímos alguma forma de sofrimento em vários momentos de nossas vidas, e a maneira como cada indivíduo lida com os acidentes da vida tornaria o sofrimento algo muito subjetivo, e difícil de ser apreendido como categoria de crítica social.

No entanto, apesar desta dificuldade ainda é válido insistir na investigação sobre a possibilidade de uma retomada da crítica social a partir de referências políticas ao sofrimento. E talvez uma das maneiras mais frutíferas atualmente para se fazer uma crítica social através da categoria do sofrimento seria a partir daquele que é acarretado pelo mundo do trabalho. A análise das mudanças que ocorreram nos últimos anos no mundo do trabalho ocasionadas pela lógica do capitalismo tardio podem nos mostrar as causas materiais de um sofrimento que deixa de ser subjetivo ou psicológico, para se tornar um problema social.

Além disso a vantagem de se trabalhar com a categoria do sofrimento social através do mundo do trabalho, é que sua investigação não precisa de uma teoria social. Podemos elaborar através do próprio sofrimento social os mecanismos de funcionamento da sociedade, e a partir daí ver o que havia sido prometido e o que não foi cumprido. Com a descrição da investigação sociológica, a filosofia tem condições de perceber a normatividade que está implícita no momento descritivo e construir uma crítica social. Isso é possível, na medida em que consideramos que existe um tipo de promessa normativa que é feita pelo sistema capitalista que não é cumprida. Por exemplo, aquela em que afirma que através do trabalho se conseguiria viver dignamente, ou alcançar uma posição social. Ou aquela que promete maior liberdade aos trabalhadores a partir da falácia do “self made man”.

Além disso é correto afirmar que a investigação da categoria de sofrimento social no mundo do trabalho passa necessariamente pela necessidade de sua politização. Talvez o que alguns autores que trabalham com a categoria do sofrimento social ligada ao mundo do trabalho, como Ruy Braga, Christophe Dejours, Serge Paugam ou mesmo Didier Eribon (apenas para citar alguns), querem é justamente mostrar que a tentativa de despolitização do trabalho a partir da era do precariado dificulta também a politização do sofrimento social. Ou melhor dizendo, a partir do momento em que os trabalhadores deixam de ter uma voz ativa no mundo do trabalho, através de seus sindicatos, a dificuldade de ligar o seu sofrimento às causas de exploração no trabalho é ainda mais difícil. Da mesma forma, a partir do momento em que o trabalho se tornou uma questão apenas para o mercado e não mais para o Estado, a sua despolitização é inevitável.

A última causa que eu gostaria de apontar aqui diz respeito a total retirada do Estado e dos responsáveis políticos na organização do mundo do trabalho que poderia proteger os trabalhadores. A partir do momento em que a organização do trabalho deixa de ser um problema político para se tornar apenas econômico, os partidos políticos, mesmo aqueles de esquerda deixam o caminho livre às fantasias do mercado para se reinventarem a cada dia nesta que se constitui a maior exploração dos homens nos últimos tempos, depois da abolição da escravidão.



2. A despolitização do trabalho

A despolitização do mundo do trabalho é sem dúvida uma barreira para localizar as causas do sofrimento dos indivíduos através da exploração no trabalho. A partir do momento em que os trabalhadores não estão mais ligados uns aos outros através de um sindicato ou de um objetivo comum, ou mesmo através de um chefe que lhes dite as regras de funcionamento na organização da execução do trabalho, a relação de dominação, servidão e exigência é exercida pelos próprios indivíduos. Dejours vai falar de servidão voluntária. (Cf. DEJOURS, 2015, p. 99). Segundo ele, mesmo quando os indivíduos são capazes de compreender que algo está errado no mundo do trabalho do qual eles fazem parte, ainda assim há sempre uma maneira de tornar o trabalhador alienado e de lhe fazer consentir e aceitar as exigências que lhe são impostas, sem que essas pareçam desmedidas. Além do que, pensar que o seu sofrimento está diretamente ligado a exploração no seu trabalho, não leva necessariamente a uma ação. Ao contrário, aqueles que não são aniquilados psicologicamente pelo sofrimento ético do trabalho acabam encontrando uma modalidade de adaptação psíquica.

Entre compreender os processos em causa na adaptação e formar uma vontade de lutar contra esses processos, se interpõem novas formas de consentimento que constituem um obstáculo formidável no qual o político não pode evitar, como já mostraram Horkheimer, Fromm e Adorno face as questões levantadas por consentimento de uma parte da classe trabalhadora para a ascensão do nazismo. (DEJOURS, 2015, p. 98).

Segundo Dejours a análise da adaptação ao sofrimento no mundo do trabalho pode ser comparada aquela em que ocorria com os homens na guerra. Como compreender a participação dos soldados aos horrores da guerra? Quando a guerra termina, Freud desconfia que esse compromisso subjetivo no trabalho dos soldados acarreta uma divisão interna, que ele situa no nível do Eu. Assim como para os soldados ocorreu uma adaptação do Eu a se tornar um Eu guerreiro, para os trabalhadores a submissão ao mundo do trabalho que lhe explora passa por um divisão do Eu que aceita e se submete a uma servidão voluntária, muitas vezes aceitando as regras do jogo, e as interiorizando como se não houvesse outra saída. (DEJOURS *apud* FREUD, 2015, 99-100).

As modalidades psíquicas de adaptação ao sofrimento no mundo do trabalho contribuem para impedir a formação de uma vontade coletiva de agir contra os novos métodos de organização do trabalho e de dominação. Portanto, parece plausível falar na existência de um círculo vicioso, na medida em que ao mesmo tempo em que há sofrimento a partir das formas de dominação no mundo do trabalho, esse mesmo indivíduo que sofre se submete voluntariamente a essa servidão. Claro que é preciso dizer que essa servidão voluntária ocorre porque desde o início as forças políticas que poderiam ter impedido essas novas formas de dominação do trabalho impostas pelo mercado, sucumbiram e se deixaram ser conquistadas por este. A solidariedade no trabalho e a luta por direitos coletivos trabalhistas foram aniquiladas pelos novos métodos de organização do trabalho, que possuem novas técnicas de dominação. (DEJOURS, 2015, p. 99).

A despolitização no mundo trabalho, através do enfraquecimento dos sindicatos e a retirada do Estado no interesse voltado a organização do trabalho deixa uma brecha enorme para novas formas de dominação que ficam escondidas sob o manto de práticas ditas racionais e de gestão. Não é necessário fazer uma exaustiva reconstituição histórica para conseguirmos apontar algumas causas para a despolitização do mundo do trabalho. Ela ocorre de certa forma generalizada no mundo, e está ligada as novas formas de trabalho que o próprio neoliberalismo vem exigindo nos últimos anos. A primeira causa se dá no enfraquecimento dos sindicatos, que em alguns países como o Brasil, culminaram na ascensão da esquerda ao poder. Segundo Ruy Braga, no seu livro “A rebeldia do precariado”, a chegada do PT ao poder levou os dirigentes das centrais sindicais para mais próximos ao poder, enfraquecendo de forma geral os interesses dos trabalhadores em prol dos patrões. Dos 64 ministros anunciados no primeiro governo Lula, 17 eram ligados ao sindicalismo. (RUY BRAGA, 2017, p.111). Além disso as políticas voltadas para o mercado



transformaram os trabalhadores em apenas sujeitos consumidores. Uma outra causa seria a nova onda do trabalho precarizado relativo ao fenômeno de uberização (e aqui se inclui todos os serviços de aplicativos). O “self made man” é potencializado nesta nova relação de trabalho. Sem patrão, sem escritório e sem base sindical é impossível que as reclamações ligadas ao trabalho se transformem em pautas de negociações trabalhistas. A gestão do lucro ou de perda é feita pelo próprio trabalhador que se vê na maioria das vezes relegado a sua própria sorte. Se as insatisfações ligadas ao trabalho dizem respeito somente ao próprio indivíduo, o que dizer sobre as consequências dessa insatisfação, ou seja, seu sofrimento.

O Estado tem um papel importante e é responsável por políticas públicas na organização do mundo do trabalho. Não basta que ele intervenha apenas através do direito. No entanto, o que se assiste é a retirada total ou parcial do Estado, ou o seu conformismo quando aplica as mesmas regras de produção do mercado, a regra da concorrência, mesmo nos serviços públicos. Através da mercantilização dos serviços públicos, como a saúde, a educação e a previdência, a retirada é total, transformando os hospitais, as universidades e a administração previdenciária em verdadeiras empresas. Os servidores do setor público sofrem pressão para seguirem uma lógica que já não é mais da solidariedade entre eles na execução de suas tarefas, mas antes uma competição cada vez mais acirrada, que além de ser desgastante sob o ponto de vista mental e físico, impede o funcionalismo de manter uma certa liberdade na execução do seu próprio trabalho.

A execução de um trabalho não é algo apenas técnico, tampouco neutro. Há muito da participação subjetiva daquele que executa uma tarefa. Há também muito de relação de cooperação e solidariedade na execução. É também no trabalho que se experimenta a relação com o outro. Essa perda de subjetividade e cooperação causam um desgaste emocional e físico para os trabalhadores, e muitas vezes a eficácia no resultado da tarefa a ser executada fica comprometida quando apenas as regras e técnicas de gestão são seguidas.

Por último, gostaria de levantar a hipótese de que a despolitização do mundo do trabalho implica igualmente uma despolitização dos trabalhadores de forma geral no seio de sua cidade, seu Estado e seu país. O isolamento dos trabalhadores no seio de suas empresas, e a exigência cada vez maior de produtividade torna os trabalhadores apenas consumidores e não mais cidadãos. A própria prática no envolvimento com o mundo dos sindicatos era uma forma de politização. A partir do momento em que não se participa mais de sindicatos, seja porque suas reuniões são escassas, seja porque não existe grupo sindical para a nova era da uberização, a escola genuína que ensinava a prática da participação política fica aniquilada. Com isso perdem os trabalhadores, perde a sociedade como um todo, e ganha o mercado.

3. A racionalidade do mercado no neoliberalismo como causa do sofrimento no mundo do trabalho.

Segundo Dardot e Laval, na “Nouvelle raison du monde” (2009), “o neoliberalismo, antes de ser uma ideologia ou uma política econômica, é primeiramente e fundamentalmente uma *racionalidade*, e como tal tende a estruturar e organizar, não somente a ação dos governantes, mas também a conduta dos governados”. (DARDOT/LAVAL, 2009, p. 13). Os autores esclarecem uma ideia muitas vezes mal interpretada, segundo a qual tudo seria mercado na concepção neoliberal. Mas não é isso. O essencial no neoliberalismo não é que tudo seja mercado, mas antes que a norma do mercado se imponha para além das relações de mercado. “Considerado como racionalidade, o neoliberalismo é precisamente o desenvolvimento da lógica do mercado como lógica normativa, desde o Estado até o mais íntimo da subjetividade”. (DARDOT/LAVAL, 2009, p. 21).

É importante trazer essa lógica do neoliberalismo para uma crítica social a partir do conceito de sofrimento no mundo do trabalho, porque inevitavelmente é este tipo de vertente do capitalismo que promoveu uma gritante mudança no mundo do trabalho. A lógica do mercado como lógica normativa não é mais aplicada



apenas na obtenção dos lucros, mas também na própria organização do mundo do trabalho, inclusive as relações intersubjetivas entre os trabalhadores são de competição e não de cooperação.

A lógica do mercado que invade todos os âmbitos do mundo do trabalho causa diferentes tipos de sofrimentos. Há o sofrimento que decorre da exploração. Trabalhos com baixa remuneração causam a falta material para uma subsistência digna, causa instabilidade familiar, subnutrição do trabalhador e do restante da família. Para além da baixa remuneração também é praxis da exploração no trabalho expor seus trabalhadores às péssimas condições na realização das tarefas. E aqui estou pensando nos indivíduos que trabalham em frigoríficos, nas fábricas cujos gestos repetitivos durante longos períodos e poucos momentos de descanso causam atrofiamentos nas mãos, e dores insuportáveis no corpo. Ao lado dos trabalhos de baixa remuneração e aqueles que sofrem das excessivas demandas corporais, outras formas de explorações no mundo do trabalho estão presentes nos altos cargos dentro de empresas. Indivíduos, que aparentemente possuem uma vida financeira estável decorrente de seus trabalhos, sofrem pressões psicológicas extremas que provocam problemas de saúde bastante graves.

Vem juntar-se a estes tipos de sofrimentos ligados às formas diversas de exploração no trabalho, o sofrimento que é o resultado da culpa generalizada pelo fracasso na realização do trabalho. A falta de solidariedade e cooperação na realização das tarefas leva os trabalhadores a se sentirem sozinhos e fracassados culpando-se na maioria das vezes pela não realização da tarefa exigida. Esse isolamento cada vez maior dentro das empresas que foi imposto pela nova lógica neoliberal no mundo do trabalho levou os trabalhadores a se afastarem dos grupos de pertencimento. Vale lembrar que a pandemia da COVID-19 ampliou ainda mais esse afastamento com as novas formas de trabalho em “home office”.

Além disso, como aponta Dejours:

o impacto político da avaliação individualizada das performances ultrapassa o perímetro da empresa: o cada um por si, a desconfiança em relação ao outro, a deslealdade em relação aos pares no trabalho infiltra progressivamente a sociedade civil inteira e se traduz em um empobrecimento sensível do debate político dentro da ‘cité’. (DEJOURS, 2015, p. 19).

Segundo Dardot e Laval, os objetivos estratégicos das políticas neoliberais que permitiram fornecer uma coerência global para essa lógica do mercado perversiva no mundo do trabalho estão relacionados a três importantes acontecimentos: 1. A crise do capitalismo que foi seguida por uma luta ideológica a qual consistiu em uma crítica sistemática e durável do Estado-providência (Welfare state) pelos homens políticos, mas também por muitos autores. Essa crítica contribuiu bastante para legitimar a nova norma quando essa começou a surgir. 2. Uma transformação dos comportamentos, que consistiu nas técnicas e dispositivos de disciplina, isto é, sistema de coerção, tanto econômicos quanto sociais, cujas as funções foi o de obrigar os indivíduos a se governarem sobre a pressão da competição, segundo os princípios do cálculo maximizador e em uma lógica de valorização do capital. 3. A progressiva extensão desses sistemas disciplinares bem como sua codificação institucional conseguiram colocar em funcionamento uma racionalidade geral, um tipo de novo regime de evidências se impondo aos governantes de todos os partidos e opiniões como sendo o único tipo de inteligibilidade das condutas humanas. (DARDOT/LAVAL, 2009, p. 277).

A degradação do mundo do trabalho e o fenômeno do precariado surge indiscutivelmente neste contexto. Segundo Dejours, “os novos métodos de gestão e de administração, a avaliação individualizada das performances, a qualidade total e a precarização do emprego provocaram um crescimento massivo do sofrimento ético”. (DEJOURS, 2015, p. 23).

Permitam-me fazer algumas indagações neste momento. Primeiramente, gostaria de destacar que não me parece mais ser possível duvidar que o sofrimento no mundo do trabalho é algo apenas de caráter



individual. O sofrimento que se dá nas condições de vida do trabalhador precariado é do tipo social. Em segundo lugar, parece-me efetivamente possível fazer uma crítica do sistema capitalista na sua vertente neoliberal na medida em que ele arrastou milhares de trabalhadores para o mundo do precariado, causando males que dificilmente são reparados. Como consequência, estamos diante de um tipo de sociedades que apesar de lhe terem prometido a abundância de mercadoria juntamente com o bem-estar, descumpriu-se totalmente essa promessa e levou milhares de trabalhadores ao mundo da pobreza e do sofrimento.

A grande questão, que me parece não possuir uma resposta por hora, é a de saber como numa tentativa de crítica imanente pode-se retirar do próprio mundo do precariado alternativas que levem os indivíduos na amenização de seus sofrimentos. A partir do momento em que conseguimos subjetivar a dominação no mundo do trabalho, quais seriam as possibilidades de superar essas subjetivações de dominação e transformá-las em emancipação? Dizendo de outro modo, como é possível entrever nas péssimas condições do mundo do trabalho precário, situações e mudanças que acarretariam uma emancipação dos trabalhadores?

Talvez as simples intervenções isoladas dentro de algumas empresas não seja o suficiente. A proposta de Déjours, no seu livro supracitado, não me parece convincente. Através de uma equipe de pesquisa Déjours tentou mostrar o lado mais obscuro do mundo do trabalho, mas ao mesmo tempo alternativas concretas fundamentadas em intervenções feitas no mundo das empresas, durante os últimos anos de pesquisa com o desenvolvimento prático/teórico que se estende no mundo econômico. Para o psicanalista não somente não existe fatalidade na evolução do mundo do trabalho que conhecemos hoje, mas também que é possível fazer uma escolha. (DEJOURS, 2015, P. 12).

Na contramão do otimismo de Déjours, parece-me que a única solução seja a própria transformação completa dessas novas formas de trabalho que resultaram na exploração dos homens. A substituição do lucro infundável de empresas e grupos financeiros por ajustes consideráveis que possam promover a emancipação dos trabalhadores é talvez a única saída para tentar resolver o problema. A questão é a de saber quais seriam as possibilidades de superar essas subjetivações relacionadas a dominação no mundo do trabalho. Salários mais justos, segurança no trabalho, reconhecimento da importância dos intervalos de lazer e descanso são direitos que devem ser assegurados a todos os trabalhadores. Com isso quero dizer que as regras do trabalho não podem ficar apenas atreladas a lógica do mercado. É preciso que o Estado cumpra o seu dever, o de proteção aos trabalhadores e crie formas para uma possível emancipação dos indivíduos face as falcatruas do sistema neoliberal. As falácias do sistema devem ser combatidas através da mudança de posicionamento do Estado.

4. A título de conclusão

O que me interessa com o conceito de sofrimento social neste artigo não é apontar unicamente que existe um sofrimento vivido por aqueles que se encontram no mundo do precariado, que pode ser dito social porque suas causas são frutos da maneira como a sociedade e suas instituições organizam o mundo do trabalho. Para além de uma análise do sofrimento dos indivíduos a partir deste ponto, tem algo bem mais sutil que diz respeito a retirada do homem trabalhador no interesse da própria organização política, a sua retirada na vida comunitária e social. Os trabalhadores estão desiludidos. É o “desencantamento do mundo” para usar uma expressão de Max Weber.

A categoria do sofrimento social no mundo do precariado pode ser muito útil para entender os últimos acontecimentos na política, não somente no Brasil, mas em diversas partes do mundo. Através do mundo do trabalho pode-se também apontar para um problema relacionado a falta de consciência coletiva e individual ligado às condições atuais de homens e mulheres trabalhadoras, mas também uma desilusão em relação a política e a sociedade. Por um lado, os trabalhadores de forma geral internalizaram as regras

do sistema capitalista neoliberal de tal forma que não conseguem sair desta bolha, por assim dizer, e se dar conta que aqueles problemas ligados a falta de emprego ou ao emprego precário - que não satisfaz muitas vezes nem o mínimo para subsistência, ou se satisfaz, é um trabalho carregado de pressões e cobranças as quais muitas vezes levam à doenças físicas e psíquicas - não decorrem de sua má sorte ou sua incompetência. Mas, por outro lado, essa internalização causa um total descrédito de que possa haver algum projeto político que intervenha nesse *status quo*.

Ademais, essa falta de consciência coletiva têm levado os trabalhadores a se desinteressarem pela política de seus países por viverem desacreditados. Essa pesquisa de Christophe Déjours, psiquiatra e psicanalista francês especializado na psicanálise sobre saúde e trabalho, vai mostrar as consequências nefastas dos métodos de trabalho dentro das empresas. A concorrência sem limite entre os assalariados, a solidão que vive os trabalhadores que não compartilham nenhum tipo de companheirismo e solidariedade no seu próprio ambiente de trabalho (Cf. DEJOURS, 2015, p. 18) acarreta um sofrimento enorme que muitas vezes leva até ao suicídio. A multiplicação de suicídios se tornou um sintoma sinistro. E o maior problema é que esta constatação se tornou um fatalismo de tal sorte que em geral todos pensam que não há outra alternativa.

Esse dilaceramento do mundo do trabalho, nos hospitais, nas fábricas, nos call centres, etc, é muito bem documentado e analisado por Déjours. O que livro não consegue mostrar é que as consequências do sofrimento no mundo do trabalho perpassam os muros das empresas e das casas dos trabalhadores. Em, “Le choix: Souffrir au travail n’est pas une fatalité” (2015)¹, Déjours, apesar de sagaz em sua pesquisa de campo, é também muito otimista com a possibilidade de uma mudança através dos próprios trabalhadores. Eu diria que sim, que sofrer no trabalho não somente não é uma questão de escolha, como também é uma fatalidade. Fatalidade esta que ultrapassa a vida daquele que sofre. É toda uma sociedade que perde com o sofrimento no mundo do trabalho. O único que ganha é o sistema neoliberal nefasto e aqueles que dele se aproveitam.

No livro, Déjours vai dizer que todo o processo de trabalho contém anomalias, imprevistos, incidentes e desfuncionamentos que não foram prescritos e previstos pela organização do trabalho. E que essas degenerações geram dificuldades para os trabalhadores não somente porque implica em um trabalho suplementar, mas na maioria das vezes porque acarreta um sofrimento que pode ser insuportável, posto que essas anomalias se repetem constantemente, e implicam em riscos para a qualidade e segurança das pessoas. Para evitar este sofrimento, os trabalhadores inventam maneiras de evitá-las que são de alguma forma uma infração às normas de organização prescritas. (DEJOURS, 2015, p. 8-9). A partir daí o autor vai sugerir que deve existir a possibilidade de os próprios trabalhadores dizerem não para essa engrenagem, as quais eles são obrigados a desviar muitas vezes para obter o resultado esperado. Claro que há algo de trágico na conduta do trabalhador que tem que sacrificar o seu próprio corpo e mente para fazer a máquina funcionar. Ele diz, nenhum sistema econômico funcionaria sem o zelo dos trabalhadores que o servem. (DEJOURS, 2015, p. 9). Déjours provavelmente tem razão nessa análise. Mas, o que parece duvidoso é acreditar que a solução esteja na sabotagem do trabalho pelos trabalhadores. Seria demasiado exigir que além do trabalho ainda tenham que ser o protagonista de uma revolução no mundo do trabalho sem o apoio do Estado. Queiramos ou não, não vivemos mais no mundo das grandes revoluções. Nós somos participantes na permanência desse sistema que nos esmaga. A tragédia é que o sistema só funciona graças ao zelo dos trabalhadores, dos quais ele não pode se abster, e do nosso consentimento para não desabar. Por isso a questão talvez tenha que ser pensada a partir de uma solução que advenha da esfera política e social e não da cadeia econômica de produção.

¹ A escolha: sofrer no trabalho não é uma fatalidade (2015).



Referências bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. *La misère du monde*. Paris: Seuil, 1993.

DARDOT e LAVAL. *La Nouvelle Raison du Monde: Essai sur la société néolibérale*. Paris: La Découverte, 2009.

DEJOURS, Christophe. *Le Choix: Souffrir au travail n'est pas une fatalité*. Paris: Bayard Édition, 2015.

FROST, Liz e HOGGET, Paul. *Human agency and Social suffering*. In: *Critical Social Policy Ltd* 2008 0261–0183 97 Vol. 28(4): 438 – 460; 095279. SAGE PUBLICATIONS, Los Angeles, London, New Delhi, Singapore and Washington DC 10.1177/0261018308095279. PP. 1-23.

PINZANI, Alessandro. *Systemic Suffering and Pervasive Doctrines*.

RENAULT, Emmanuel. *Souffrances sociales: philosophie, psychologie et politique*. Paris: La découverte, 2008.

SIMMEL, *Les Pauvres*, Paris, Puf, 1998

STANDING, Guy. *O Precariado: a nova classe perigosa*. Trad. Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.